

Quando cai a noite em Timor

José Valgode

P 32

Como sair do actual braço-de-ferro entre o governo e os professores

Afonso do Cimo

P 30

Uma bomba nuclear na nossa política

Hélio Bernardo Lopes

P 26

A possível autonomização de Cabo Verde, Açores e Madeira em energia eléctrica

Susana Dias

P 33

A impaciência dos cidadãos estadunidenses desde o início de Novembro aos fins de Janeiro

José Pereira

P 33

QUINZENÁRIO
N.º 534
Preço (IVA incluído) 0,50 €

DIRECTOR
António Pereira Bica

DIRECTORAS ADJUNTAS
Ester Vargas e Odile Oliveira

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00342006MPC



GAZETA DA BEIRA

S. PEDRO DO SUL . VOUZELA . OLIVEIRA DE FRADES . CASTRO DAIRE . VISEU

QUINTA-FEIRA
11
DEZEMBRO
2008

PRÓXIMA EDIÇÃO
24
DEZEMBRO

gazetadabeira@sapo.pt

Bombeiros de S. Pedro do Sul vão votar estatutos do agrupamento

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e o Corpo Voluntário de Salvação Pública convocaram assembleias-gerais extraordinárias para o próximo dia 21 de Dezembro, a fim de serem votados os estatutos do novo agrupamento de bombeiros.

P 5

VOUZELA

Presidente da República inaugura Hospital de Vouzela

Cavaco Silva inaugura amanhã, 12 de Dezembro, a Unidade de Cuidados Continuados de Longa Duração e Manutenção, da Misericórdia de Vouzela.

P 13

OLIVEIRA DE FRADES

XII Capítulo da Confraria de Gastrónomos de Lafões em Oliveira de Frades

No dia 29 de Novembro realizou-se o XII Capítulo da Confraria de Gastrónomos de Lafões, que este ano se realizou no concelho de Oliveira de Frades, reunindo diversas confrarias de todo o país.

P 17

A SIC no concelho de Oliveira de Frades

O canal de televisão SIC realizou no passado dia 27 de Novembro uma reportagem no concelho de Oliveira de Frades sobre o projecto social que a Câmara Municipal iniciou, recentemente, no âmbito do apoio a idosos.

P 17

CASTRO DAIRE

"Catavento" em Castro Daire

O espectáculo "Catavento" apresenta-se a 13 de Dezembro de 2008, em Castro Daire, no Auditório do Centro Municipal da Cultura.

P 21



| ENTREVISTA |

LUÍS COSTA

PRESIDENTE DA BINAURAL - ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE NODAR

"Sempre transporte comigo um desejo íntimo de, mais tarde ou mais cedo, retornar aqui"

Continuação de Vida e pessoas no contexto duma consciência colectiva de a gente de Serrazes

Agostinho da Silva

P 33

O juro director do Banco Central Europeu baixou para 2,5%

José da Torre

P 33

O Padre António Vieira (continuação)

Manuel Barros Moura

P 25

LAFÕES ANTIGA

A Casa da Praça

P 2

Amanhã, 12 de Dezembro, os principais países discutem o Aquecimento Global

Alberto Terrochão

P 32



MÓVEIS SANTA CRUZ
Santa Cruz da Trapa

Telefone: 232 798 220

Visite-nos

| ENTREVISTA |

| Daniel Melo |

LUÍS COSTA

PRESIDENTE DA
BINAURAL - ASSOCIAÇÃO
CULTURAL DE NODAR

Luís Gomes da Costa, 40 anos, é natural de Nodar, freguesia de S. Martinho das Moitas. Ainda criança foi com os pais viver para Lisboa. Licenciou-se em economia, foi professor universitário, trabalhou em instituições financeiras, na área de gestão de risco e, posteriormente, numa empresa gestora de activos financeiros, onde foi responsável pelos sistemas de informação. Manteve sempre uma ligação muito profunda com a sua aldeia e a sua região. Há dois anos tomou uma decisão radical, abandonou uma vida profissional estável em Lisboa e veio instalar-se em Nodar, para se dedicar inteiramente à Binaural, associação ligada às artes contemporâneas. Na casa da família montou um centro de residências artísticas, que tem trazido regularmente a Nodar artistas de todo o mundo, para fazerem trabalhos sobre a aldeia e a região envolvente.



“Sempre transporte comigo um desejo íntimo de, mais tarde ou mais cedo, retornar aqui”

GB – Até que idade viveu em Nodar?

LC – Muito pequenino. Já fiz a escola primária em Lisboa. O meu pai é de Nodar, a minha mãe, que faleceu há dez anos, era de Sequeiros, que é a aldeia ao lado. Portanto, toda a minha família é daqui. Mesmo nos tempos em que vivi em Lisboa, sempre que havia uma oportunidade, vinha a Nodar. Sempre tive esta relação com as minhas raízes, também muito alimentada pelo meu pai. Portanto, sempre transporte comigo um desejo íntimo de, mais tarde ou mais cedo, retornar aqui.

GB – Como foi evoluindo essa relação com a região e as raízes?

LC – Quando comecei a ter consciência de que os locais que conhecia desde a infância estavam a mudar, comecei a aperceber-me de que ser apenas um espectador da mudança era insuficiente. Em Lisboa lia os jornais daqui da zona e ia acompanhando o que as pessoas pensavam sobre as questões do desenvolvimento rural e destas aldeias mais isoladas, e comecei a preocupar-me com um discurso que, ou é derrotista e diz basicamente que o mundo rural vai desaparecer e portanto não há muito a fazer, ou é um discurso mais empresarial que fala quase exclusivamente em aproveitar os recursos naturais, mas numa perspectiva de agentes exteriores que os exploram. Eu achava que as coisas eram mais complexas.

GB – Como surgiu o seu interesse pela arte contemporânea e experimental?

LC – Foi um bocado obra do acaso. Georou-se nos tempos de faculdade, em que eu estava a estudar economia e o meu irmão Rui estava a estudar engenharia no Técnico. Foi ele que conheceu no Técnico algumas pessoas ligadas a estas áreas. Somos irmãos gémeos, portanto partilhávamos muitos amigos. Começámos a ir juntos a alguns concertos, a ir a mu-

seus, a ir a galerias e foi um mundo novo que se abriu.

GB – O que levou à fundação da Binaural?

LC – Por volta de meados dos anos noventa, o meu irmão começa uma carreira de músico contemporâneo, electrónico e experimental. Começa a convidar-me para concertos, começa a compor, e dentro dessa rede de contactos das pessoas ligadas a essa área, eu, o meu irmão e mais dois outros músicos, começámos a congeminar a ideia de criar uma associação que conciliasse a criação artística com um certo lado de reflexão teórica, pois não havia, naquela altura, outra estrutura em Portugal com estas características. A ideia era também criar algo que tivesse uma componente internacional muito forte. Sendo que esta é uma área emergente no contexto das artes em geral, para ter sentido era preciso incorporar experiências estrangeiras na nossa actividade.

GB – Porquê o nome Binaural?

LC – Como o núcleo fundador da Binaural está muito ligado ao som, à prática artística baseada no mundo sonoro, binaural é uma técnica de captação de sons que reflecte a forma como nós ouvimos.

GB – Com dois ouvidos?

LC – É, na prática quer dizer isso, dois ouvidos. É uma questão técnica, mas é mais do que isso, é também uma forma de ouvir e estar disponível para os sons do mundo. Na prática, quem grava com um microfone binaural anda com um auscultador na cabeça e pode passear enquanto vai gravando os sons que são captados, da mesma forma que nós ouvimos.

GB – Como se deu a vinda da Binaural para Nodar?

LC – Por volta de 2005, fizemos uma visita a um centro de residências artísticas numa aldeia na Estónia, chamado MoKS, onde

um conjunto de artistas ligados mais ao menos às mesmas áreas que nós montou um centro de experimentação artística e de interacção social e desenvolviam muitas actividades com as comunidades locais. Achámos que aquela experiência era muito interessante.

GB – Foi essa experiência que determinou a vinda para Nodar?

LC – Foi essa experiência que foi determinante, claramente. Depois, essa visita teve uma correspondência prática em 2006, quando organizámos um simpósio internacional em Nodar. Foi uma proposta que nos foi feita por esta associação da Estónia. Na altura não tínhamos rigorosamente nada em Nodar e convidámos cerca de 20 artistas de várias disciplinas para num período muito intenso criarem um conjunto de obras ligadas ao ambiente de Nodar. Foi uma experiência muito enriquecedora e a partir desse momento, Setembro de 2006, a ideia fica clara: era preciso fazer qualquer coisa de forma regular. No final desse ano, é quando eu decido vir para Nodar.

GB – Até que ponto a vinda para Nodar representou uma revolução na sua vida?

LC – Sim, abandonei a minha vida profissional, que era muito estável na altura, e troquei o certo pelo incerto, numa altura da vida, com quase 40 anos, em que a maior parte das pessoas já começa a pensar em segurança. Mas também pensei que para criar alguma coisa tinha de ser agora, enquanto tenho uma certa energia. Tomei uma decisão radical, mas segura e muito firme. Tive a felicidade de ter conhecido a minha actual companheira, que também é cantora e “performer” ligada a estas áreas, e que durante aquele processo de decisão me disse claramente que queria vir comigo para Nodar e queria fazer parte deste projecto. A Manuela, nesse sentido, tem sido um elemento cha-

ve para aquilo que aconteceu.

GB – Abandonou por completo a sua profissão anterior, isto é, despediu-se?

LC – Despedi-me literalmente. Foi um choque. Para eles, não para mim. Houve um momento em que toda a gente, quer os meus antigos colegas de trabalho, quer a minha família, achava que eu praticamente estava maluco. Mas as pessoas que me rodeavam começaram a ver que as coisas tinham alguma sustentabilidade, quando nós candidatámos os projectos para financiamento pelo Ministério da Cultura e começámos a obter boas classificações e a obter subsídios em todos os eventos que organizávamos.

GB – O objectivo é mesmo fazer deste projecto uma actividade auto-sustentável?

LC – Sem dúvida, claramente. Para quem estiver envolvido neste projecto, esta actividade tem de ser sustentável. Ela tem várias componentes, educativas, artísticas, de reflexão, todas elas podem gerar proventos e é essa a ideia que estamos a provar ser possível.

GB – Em termos muito simples, podia descrever a actividade das residências artísticas de Nodar?

LC – Uma residência artística é em primeiro lugar um espaço onde os artistas comem, dormem e trabalham. Convidamos em cada ano um determinado número de artistas, à volta de quinze, de diferentes países, com diferentes histórias de vida, com diferentes áreas artísticas. O que lhes propomos é que desenvolvam uma obra artística que tenha como contexto a região. O resultado final pode ser uma composição musical, um vídeo, uma “performance”, uma instalação, uma escultura, que reflecta uma ligação com o local. Organizamos as residências em vários módulos. Em cada módulo, mais ou menos de dois em dois meses, estão sempre três ou quatro artistas

a trabalhar na residência.

GB – Como reagem os artistas, nomeadamente os estrangeiros, ao ambiente que encontram em Nodar e na região à volta?

LC – A maior parte deles quase não acredita como é possível no séc. XXI existirem aldeias como estas. Há uma harmonia aparente, para quem olha de fora, entre modernidade e tradição. As aldeias deles já desapareceram, transformaram-se em pequenos núcleos urbanos. No Centro da Europa o elemento agrícola é um elemento de produção de massa e depois há uma série de pequenas cidades e de pequenas vilas ligadas entre si que, na prática, estabelecem uma malha urbana. Esse lado também nos ajuda a pensar sobre as possibilidades que estas aldeias têm.

GB – Na prática, o que foi preciso fazer para poder montar estas residências artísticas?

LC – Para que uma casa seja um centro de residências artísticas é preciso que tenha pessoas que dão apoio logístico, que somos nós, e que tenha um conjunto de meios tecnológicos vídeo e áudio para os artistas poderem trabalhar e desenvolver as suas obras. Começámos este projecto numa casa que é uma casa normal. É uma casa que o meu pai construiu. Na prática, uma semana antes de uma residência começar, viramos a casa do avesso, montamos estúdios de trabalho, preparamos toda a tecnologia, preparamos diferentes espaços, quer de trabalho, quer sociais. Entretanto, existe uma outra casa, uma das casas mais antigas de Nodar, que estava abandonada e que nós comprámos precisamente para ser o futuro centro de residências artísticas, de forma a que consigamos albergar maior número de artistas, dividir o nosso espaço privado do espaço de trabalho e ter uma actividade doze meses por ano.

>>>>

GB – Como é que as pessoas de Nodar reagiram ao aparecimento do centro de residências artísticas e à vinda regular dos artistas?

LC – Em 2006, quando organizámos o primeiro evento, houve uma grande curiosidade. De repente, numa aldeia que tem cerca de 25 habitantes permanentes, apareceram pessoas de várias idades, nacionalidades, aparência física e houve um misto de curiosidade e de receio. Houve também uma aceitação mínima, porque as pessoas nos conhecem, a mim e ao meu irmão. E depois, como os próprios projectos artísticos que são desenvolvidos em Nodar têm a ver com o contexto, e em parte envolvem conversas com as pessoas, entrevistas, fotografias, e os próprios artistas já têm experiência de lidar com pessoas que não conhecem, isso gera confiança. Mas nem todas as pessoas, obviamente, aceitam da mesma forma. Há pessoas que não percebem muito bem o que nós estamos a fazer e que rejeitam. Isso faz parte. Nós não queremos ser unanimistas, aliás não se pode ser quando estamos num ambiente de experimentação.

GB – De que modo fazem o envolvimento da comunidade nos projectos artísticos?

LC – O envolvimento da comunidade começa de uma forma bastante informal, pelo contacto espontâneo com os artistas. O que nós fazemos é, por um lado estimular a colaboração pela via da curiosidade, e depois acima de tudo, no momento da apresentação final das obras que são desenvolvidas em Nodar, ter um tempo para explicar às pessoas como é que uma obra nasce a partir de determinadas circunstâncias. E como trabalhamos com meios áudio-visuais, é muito fácil no final da residência dar um CD ou DVD às pessoas que estiveram envolvidas.

GB – Qual é o território de intervenção das residências artísticas?

GB – O nosso espaço vital não é só a aldeia de Nodar, a aldeia de Nodar é o epicentro, mas nós promovemos o alargamento do nosso espaço. Trabalhamos muito pela serra adentro, em Sequeiros, em Covas do Monte, do outro lado, já em Castro Daire, na zona de Parada de Ester. Nós mostramos diferentes possibilidades e os artistas escolhem o local que gostavam de conhecer e de trabalhar.

GB – Quais são as perspectivas futuras para o crescimento do projecto?

LC – A nossa ideia base é sedimentar as raízes que fomos lançando. Temos um plano de edições preparado, CD's, DVD's, catálogos. Estamos a preparar um catálogo dos dois primeiros anos de actividade, que vai apostar numa distribuição internacional. Temos uma itinerância de conferências, de mostras de vídeo, festivais, e mostramos o trabalho que está a ser feito em Nodar no maior número de contextos possível. Por exemplo, em Janeiro vamos ter uma tournée de mês e meio em universidades dos EUA, da costa Leste à costa Oeste. Por outro lado, há a componente educativa. Temos um projecto, que em princípio vai arrancar em Janeiro, em

articulação com a Escola Secundária de S. Pedro do Sul, que se chama Aldeias Sonoras, em que vamos pôr os jovens a gravar os sons das aldeias do concelho e a colocá-los na internet, num mapa Google. Tudo isso vai ser feito pelos próprios jovens. É um projecto inovador a nível nacional.

GB – Essa componente educativa e de reflexão pretende decididamente estender-se para além de Nodar?

LC – Sem dúvida. Por exemplo, em Viseu, que é o contexto urbano com maior dimensão aqui da zona, temos uma série de actividades em curso para estimular esta ponte entre o rural e o urbano. Já fizemos uma mostra de vídeo no Museu Grão Vasco e agora estamos a apresentar um conjunto de obras sonoras no Teatro Viriato. Com estas iniciativas verificamos por exemplo que nas nossas apresentações em Nodar há cada vez mais gente de Viseu a aparecer.

GB – Como surgiu a ideia da rede das Aldeias de Magaio e como é que a Associação Cultural de Nodar se viu envolvida na sua dinamização?

LC – Há um ponto de partida que está ligado à participação da Associação Cultural de Nodar nas actividades promovidas pelo Projecto Criar Raízes. Achámos que devíamos também estar integrados neste circuito de actividades de cariz ambiental/turístico e, portanto, temos um percurso pedestre em Nodar, a Rota das Bogas, concebido em ligação com o Criar Raízes. Por outro lado, começámos gradualmente a conhecer as pessoas que estão à frente das associações das várias aldeias, e quando começámos a falar do que poderia acontecer após o fim do Criar Raízes, perguntámo-nos por que não criar uma estrutura que dê continuidade a estas actividades e que envolva directamente as aldeias. Foi consensual a ideia de criar uma associação das associações, que não anule o trabalho individual que cada associação desenvolve, mas que tenha uma visão de conjunto na promoção das actividades e na organização de eventos turísticos numa perspectiva de ligação com o ambiente e com as comunidades.

GB – E que dificuldades encontraram nesse processo?

LC – Para já as dificuldades, nesta fase inicial, são as de montar a estrutura. A ideia é que esta associação não dependa de financiamentos exteriores. Eles podem ser importantes em função dos projectos que se queiram desenvolver, mas eu diria que é uma associação que tem de gerar receitas. Temos aqui um conjunto de activos materiais e imateriais, saberes ligados à paisagem, ao artesanato, à própria experiência do rural, que podem ser capitalizados e gerar proveitos para os próprios associados, que são as estruturas representantes das aldeias.

GB – Que passos concretos pensa dar a associação Aldeias de Magaio para promover as aldeias e a Serra?

LC – Há um momento inicial que é criar o site internet com informação sobre as aldeias e definir um conjunto de pacotes de actividades ou experiências numa perspectiva integrada, em que alojamento, alimentação e actividades sejam vendidas



em conjunto. Isto pode passar por redes de alojamento particular nas várias aldeias, por ter uma marca Aldeias de Magaio que permita, por exemplo, que a venda de artesanato ganhe uma escala diferente, e seleccionar talvez alguns produtos que possam ter intervenção ao nível de design e projectá-los com um sentido de inovação.

GB – O seu percurso de vida coloca-o numa posição privilegiada para confrontar mundo urbano e mundo rural. Que tipo de apreciação faz destes dois modelos de vida?

LC – Eu diria que aquilo que o urbano tem de mais interessante é a quantidade de estímulos, de experiências que se pode ter e oportunidades que se podem ter. As pessoas vão para a cidade pelo número de possibilidades. O que eu vejo é que, provavelmente, nos últimos anos a dicotomia urbano/rural enquanto entidades completamente diferentes está a mudar. Há uma degradação da vida urbana e com todas estas crises a acontecerem vemos que o paradigma da cidade enquanto resolução de todos os problemas económicos já não é tanto como era. Por outro lado, há uma vivência mais completa no contexto rural do que no contexto urbano, também porque hoje os meios tecnológicos e as vias de comunicação ajudam imenso a que nunca se perca o contacto com o resto do mundo. Os próprios processos de globalização também mostram que a auto-subsistência de um país e nomeadamente das zonas rurais é um elemento que provavelmente vai ser cada vez mais importante. Penso que a crise mais recente veio provar que quanto mais cada país e cada região for sustentável, maior é o potencial de sobrevivência. Portanto, aí o mundo rural pode, num futuro próximo, readquirir um novo alento.

GB – Até que ponto estaremos à beira

de um regresso ao mundo rural?

LC – Eu penso que ainda há muitos jovens que vão para a cidade por hábito. Por duas razões, porque vêem os seus familiares há algumas gerações a fazerem o mesmo, mas também porque vão à procura de um emprego fixo. E aqui, no mundo rural, o emprego certo é para poucos, só para aquelas pessoas que vão para a sede do concelho trabalhar nalgum serviço. Penso que existem muitas oportunidades nesta zona, mas que dependem da iniciativa pessoal e, como tal, de um risco. Os jovens que eventualmente possam pensar em voltar, têm de vir com algum tipo de iniciativa, ou dedicada a estas novas áreas do ócio, do turismo, ou mesmo ligada às actividades tradicionais, a agricultura, a indústria, o artesanato, a manufactura.

GB – O que pensa do modelo de desenvolvimento que tem sido seguido ao longo dos últimos trinta anos para o mundo rural?

LC – Acho que o ponto fundamental é que nunca as pessoas que aqui vivem foram tidas como importantes para a promoção do desenvolvimento. O que eu noto é que as aldeias foram mantidas à margem dos vários quadros comunitários que foram aparecendo, com excepção de algumas iniciativas válidas, mas que em termos gerais não mudaram muito a vida das pessoas. Se olharmos para aquilo que são hoje as aldeias e aquilo que eram há 20 anos, obviamente que hoje têm saneamento – as que têm – electricidade, mas o dinheiro que foi ganho à volta do que é o mundo rural e do que é a paisagem rural é incomparavelmente maior do que aquilo que foi o benefício das próprias aldeias. Penso que isto foi um bocadinho acentuado nos últimos anos, quando de repente toda a gente começa a perceber que afinal o turismo é o grande maná aqui da zona. No fundo é o rural enquanto palco.

GB – Que papel pode ter o turismo no futuro deste mundo rural?

LC – A escala do turismo nesta região nunca pode ser acima de um determinado patamar. Se uma paisagem, uma cultura local têm valor, é preciso ver que eles podem ser colocados em risco pela concentração num único modelo de desenvolvimento que tenha só a ver com o turismo. Acima de uma determinada escala as coisas começam a ter mais efeitos negativos do que positivos. Acho que o nicho para esta região é claramente um turismo ético e solidário, turistas que verdadeiramente percebem o que é estar numa paisagem rural e que a respeitem. Depois tem de haver uma articulação com diferentes elementos ligados à agricultura (a agricultura nunca poderá ser em quantidade, mas enquanto qualidade e enquanto associada à experiência cultural). Vejo este caminho possível, diferentes formas de vender a experiência do rural, por via da agricultura, por via do turismo, por via da cultura, sem excluir, obviamente, a iniciativa privada pura e dura, da indústria. O rural precisa de indústria e essa iniciativa privada industrial é importante; têm de ser escolhidos bem os locais onde se podem desenvolver determinadas actividades.

GB – Que perspectivas se poderão abrir para a agricultura, mesmo para a agricultura tradicional, nestas transformações que estamos a viver?

LC – Não falando numa perspectiva empresarial em grande escala, mas num plano transversal às várias famílias que compõe as aldeias, quanto mais auto-subsistência as famílias puderem ter, melhor, nomeadamente nestes momentos de crise. Há muita gente nas aldeias que durante o dia tem um emprego e depois chega a casa e cultiva inclusive extensões de terreno grandes. As pessoas poderem conciliar a preservação do território agrícola com uma produção para consumo próprio e alguma venda, mas em paralelo com outra actividade. É um elemento que pode ser facilitador para o mundo rural não desaparecer. Eu diria que poucos conseguirão definir uma estrutura de negócio de forma a que se dediquem a 100% à agricultura. A agricultura biológica pode ser um caminho possível mas nem todos vão conseguir a escala desejável. Depois, provavelmente, há que seleccionar determinados produtos que sejam mais apetecíveis, nomeadamente para um mercado mais vasto.

GB – Tudo isso passa muito pela iniciativa das pessoas?

LC – É, sem dúvida, e de as pessoas desta região perceberem que elas têm de assumir uma parte de risco para conseguirem, porque senão vão ser outras entidades a fazê-lo, entidades que estão mais do que habituadas a gerir riscos. As pessoas aqui ainda estão muito ligadas a um sentido de segurança e de estabilidade. Em relação a mim próprio diziam que eu era maluco, ao ter assumido o risco de deixar um emprego estável. Acho que é preciso as pessoas ganharem uma nova iniciativa e perceberem que num mundo em crise todos têm de ir à luta. Os tempos tranquilos em que havia certezas do princípio ao fim da vida acabaram.